



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

BREVES REFLEXÕES SOBRE GUERREIROS LUSITANOS.

HÖCK, Martin

Ano: 1999 | Número: 109a

Como citar este documento:

HÖCK, Martin, Breves reflexões sobre guerreiros lusitanos. *Revista de Guimarães*, Volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia, 1999, p. 89-92.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmiento

centro de estudos do património

Breves reflexões sobre guerreiros lusitanos

Martin Höck

Revista de Guimarães, Volume Especial, I, Guimarães, 1999, pp. 89-82

1. Estrabão III.6 e Martins Sarmiento.

Estrabão sobre as armas dos Lusitanos:

(dizem que) têm um escudo pequeno de dois pés de diâmetro, côncavo para o lado da frente, fixado com cintos, pois não tem asa/pega nem outro dispositivo de sustentação. [As espadas são de dois gumes.] Além disso, usam um punhal (kopis). A maioria usa couraças de linho, alguns poucos couraças de malha metálica e capacetes com tres bicos, os outros capacetes de tiras de couro (tendões?). Os infanteristas têm 'knemidas' (uma protecção das pernas, dardos têm, cada um, vários. Alguns usam também lanças, as pontas de lança são de bronze.

RIBADEO

Este texto, sobejamente conhecido a quem se dedica à História Antiga e à Arqueologia do Noroeste Peninsular, foi introduzido na discussão científica por Martins Sarmiento, a quem aqui prestamos homenagem. Para avivar a ideia da grande força da sugestividade desta fonte escrita para a interpretação de fontes arqueológicas, olhemos aqui para o diadema (ou aplique) figurativo de Ribadeo, que, passe a palavra, parece uma ilustração daquele texto: O mesmo podemos dizer, vendo a coincidência da descrição com aqueles monumentos, para cuja explicação Sarmiento 'descobriu' o trecho em causa: as estátuas de guerreiros galaicos, com as tinha designado Emil Hübner.

RIBADEO

SANTO
OVÍDIO

É também do conhecimento dos Arqueólogos o papel de Sarmiento no "salvamento" desta espécie de monumentos para a Antiguidade, contra uma opinião de GUERRA 1878 A, 97-100 que considerava a estátua de Viana como sendo moderna. A Argumentação de Sarmiento distinguiu-se por uma meticolosa observação da fonte arqueológica, uma valorização adequada da fonte epigráfica constituída pela inscrição latina sobre a estátua, e a confrontação correcta com a

VIANA

fonte escrita, Estrabão III,6. Não obstante toda a discussão e polémica entretanto surgidas acerca das estátuas, todos concordaremos com Hübner, que remata no CIL, sarcasticamente:, que ninguém duvidaria da datação antiga da estátua de Viana: **“de antiquitate eius operis nemo sani iudicii umquam dubitavit”**.

2. A polémica actual.

Actualmente, parece-me que o consenso entre os Arqueólogos sobre os guerreiros pouco passa para além desta sentença de Hübner; e a viva e acalorada discussão, recentemente havida em Santiago de Compostela aquando da homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida, reforçou esta minha impressão.

A falta de contextos estratigráficos ou outras datações seguras abre, naturalmente, a porta para a especulação, e curiosamente e ao que parece, a firmeza da afirmação tende a substituir ou sublimar a certeza do conhecimento. Perante este pano de fundo, fique claro que não entendo a minha opinião como sendo a verdade, nem como menosprezo de opiniões divergentes e, muito menos, como ataque pessoal contra quem as professe. Quem me conhece, sabe que assim é e sempre foi.

3. Os guerreiros no âmbito da estatuária pré- e proto-histórica.

Uma peça, a estela-menhir de São João de Ver, infelizmente também sem contexto concretamente conhecido, é designada por Orlando Sousa, no seu trabalho sobre a Estatuária pre- e proto-histórica do Norte de Portugal como sendo “mais evoluida”. A mesma peça é considerada por Francisco Queiroga como “predecessor” das estátuas dos Guerreiros, com muita cautela e referindo que não tenha sido proposta nenhuma ligação tipológica entre esta estátua e as dos guerreiros, citando para estas a datação na época da romanização.

A estátua-menhir de São João de Ver consiste num pilar de secção aproximadamente quadrada, em cujos lados é representado, em gravura, o respectivo lado do objecto a representar- um guerreiro. Quer dizer, não temos (“ainda”), uma representação tridimensional, mas sim uma soma de representações bidimensionais, que, imperfeitamente, consegue transmitir uma ideia das tres dimensões. Apenas nos ombros e na parte traseira da cabeça, o artista avança timidamente para uma representação tridimensional. Olhando bem para algumas estátuas de guerreiros, observamos que também os seus autores não avançaram muito mais neste sentido: na estátua de Campos vemos a forma do bloco de

SÃO JOÃO
DE VER

CENDUFE
CAMPOS 1
CAMPOS 1

pedra, neste caso nem sequer de secção rectangular, conservada. Em cada lado é esculpido, respectivamente, o aspecto frontal, dorsal, lateral esquerdo e lateral direito do guerreiro. Em comparação com a peça de São João de Ver, o relevo é mais profundo, nos cantos, a transição entre os lados é mais disfarçada - mas não vejo nenhuma diferença tipologica abismal que excluísse ou tornasse pouco plausível inserir as duas obras numa mesma tradição. E se a falta de contextos não nos permite provar esta hipótese, muito menos nos permite excluí-la.

Se admitirmos esta hipótese de uma tradição indígena, ou pelo menos não romana, para as estátuas de Guerreiros Lusitanos - então também tenhamos a coragem de procurar peças comparáveis, no mundo da Idade do Ferro de outras regiões, peninsulares e não só.

Estilisticamente bem diferentes, inevitavelmente bem datados, as estatuas de Cerillo Blanco, Porcuna, espantam-nos pela coincidência de atributos representados com a descrição do armamento dos Lusitanos por Estrabão. Sem entrar na questão se os guerreiros do Cerillo Blanco eram, podiam ser ou não eram Lusitanos, basta aqui constatar que existia uma panóplia como a dos Lusitanos descritos por Estrabão bem antes da vida deste - mas não é apenas por isso que julgo ilegítimo restringir a existência ou a representação escultórica de guerreiros assim armados estritamente à época de vida do autor.

CERILLO
BLANCO

Atrevendo-nos a olhar para além-pireneus, e atrevendo-me eu a apresentar, novamente, a comparação causadora de tanta polémica no encontro de Santiago, duas estátuas da Idade do Ferro da Europa Central, os guerreiros de Hirschlanden e do Glauberg, ensinam-nos a sobrevivência de um tipo de estatuária, passando por um câmbio tão significativo como o entre as culturas arqueológicas de Hallstatt e Latène. E se admitirmos a possibilidade da tradição local da estuária do Noroeste, admitimos também condições para uma recepção creativa de qualquer influência exterior neste campo, antes da romanização, quer venha da área mediterrânica, quer da centro-europeia.

CAPELUDOS +
HIRSCHLANDEN
GLAUBERG

4. Sobrevivência.

Sendo os Guerreiros de Hirschlanden e Glauberg exemplo da produção de estatuária em muito idêntica em contextos culturais diferentes ou em mutação acentuada, e admitindo a mencionada tradição local na nossa zona, não repugna em nada alinhar com Martins Sarmento quanto à datação dos Guerreiros Lusitanos, para quais ele interpreta as inscrições como indicando um **terminus ante aut usque ad quem**.



casadesarmiento

centro de estudos do património

Martins Sarmiento satisfaz aí uma exigência metodológica moderna, a confrontação de fontes arqueológicas, epigráficas e literárias, antes de formular, ele mesmo, estes conceitos.

O seu próprio trabalho ajudou a formar os conceitos.

M.S. usou as fontes, mas não lhes exigiu demasiado, concluindo que as estátuas são antigas, representam guerreiros indígenas. Com isso chega mais longe que Hübner, que tinha discutido as hipóteses de legionários ou auxiliares. MS. não afirma que (todos) sejam de época de romanização, ou não.

E a dificuldade da datação iconográfica, devida quer à representação pouco precisa dos atributos no granito de grão grosseiro, quer ao leque cronológico que podem abranger os achados arqueológicos comparáveis, não invalida esta ideia de exemplares das estátuas em causa serem esculpidos, utilizados e re-utilizados antes e depois da romanização.

Finalmente, dois exemplos de utilização de estatuária em termos de longa duração. No Concelho de Vila Pouca de Aguiar, a estela-menhir do Marco teria servido como marco de orientação para a rede viária préromana, e depois romana; assim sugere, plausivelmente, Orlando Sousa. É legítimo supôr que tenha continuada a exercer esta função até à extensão da rede de estradas actual à zona. Em Cabeceiras de Basto, o “Basto”, ainda hoje permanece no local para onde teria sido transferido provavelmente já em tempos modernos, a partir de um castro situado próximo. O significado que a estátua tem para a população local, depende-se da resposta que Martins Sarmiento obteve quando tentou levar o “Basto” para o Museu da SMS, que o viesse buscar com um regimento de infantaria, se quisesse.

BASTO